



### **A encenação da primeira peça escrita especialmente para o Teatro Experimental do Negro: “O Filho Pródigo”, de Lúcio Cardoso.**

*O Filho Pródigo*, de Lúcio Cardoso, foi a primeira peça escrita especialmente para o Teatro Experimental do Negro (TEN), grupo de teatro negro criado e liderado por Abdias do Nascimento (1914 - 2011). O grupo até então havia encenado apenas peças de Eugene O'Neill, dramaturgo norte-americano, e *Othello* de Shakespeare. Em busca de um teatro que representasse a personagem negra brasileira de maneira mais aprofundada, Abdias do Nascimento convidou Lúcio Cardoso, um romancista branco famoso na época, para executar a tarefa, pois não conseguiu localizar nenhum dramaturgo negro para pedir a redação de uma peça. Essa encenação foi um marco para o teatro negro brasileiro, uma vez que iniciou uma nova era, na qual além de atores negros, o TEN estimulou o surgimento de dramaturgos, encenadores e cenógrafos negros no Brasil, e conseqüentemente favoreceu o surgimento de uma escrita dramaturgicamente focada nos negros brasileiros.

Abdias do Nascimento dirigiu a peça e também atuou como o personagem Pai. Os outros atores foram: Aguinaldo Camargo (Manassés), José Maria Monteiro (Assur), Marina Gonçalves (Selene), Roney da Silva (Moab), Ruth de Souza (Aíla), Haroldo Costa (Peregrino) e Ana Maria (Peregrina), essa sendo a única atriz branca do elenco, emprestada do Teatro do Estudante. O cenário e os figurinos foram concebidos por Santa Rosa. A peça estreou em 5 de dezembro de 1947, no Teatro Ginástico no Rio de Janeiro.

Em uma entrevista ao jornal *Correio da Manhã*, poucos dias antes da estreia de *O Filho Pródigo*, Abdias do Nascimento mostrou como este acontecimento foi um marco para o TEN, uma vez que pela primeira vez apostaram em apresentações diárias e em uma dramaturgia com foco no negro brasileiro:

Com uma peça de três atos que Lúcio Cardoso escreveu especialmente para nós, intitulada: “O Filho Pródigo”, dentro de mais alguns dias daremos início a uma curta temporada no Ginástico. Nossa primeira tentativa de espetáculos diários. Haverá público todas as noites? Não sabemos. Nossa expectativa é enorme; estamos emocionados até a alma às vésperas da nova experiência que se aproxima. (NASCIMENTO, 1947, p. 27)

Neste trecho se destaca o orgulho de Abdias do Nascimento ao contar sobre o fato da peça ter sido escrita especialmente para o Teatro Experimental do Negro, o que foi um marco para o teatro brasileiro. Pela primeira vez no teatro moderno brasileiro, uma peça foi escrita diretamente para um elenco de atores negros. A peça também dialogava de maneira próxima com o negro brasileiro e foi escrita por Lúcio Cardoso, um romancista de renome à época, o que trouxe mais visibilidade ao grupo.

Grandes personalidades do meio teatral brasileiro comentaram *O Filho Pródigo*. Paschoal Carlos Magno (1906 - 1980) incentivou o TEN, mas também criticou o texto de Lúcio Cardoso, assim como alguns outros jornalistas, que comentaram a falta de teatralidade na peça (MAGNO, 1947). Nelson Rodrigues (1912 -1980), porém, classificou *O Filho Pródigo* como a melhor peça do ano (RODRIGUES, 1947).

Mesmo sendo criticada, a encenação teve grande importância social e artística ao chamar a atenção da imprensa para o grupo de atores negros. Além disso, apesar das restrições do texto, as atuações de Ruth de Souza, Aguinaldo Camargo e de Abdias do Nascimento receberam boas críticas.

As partes mais elogiadas de *O Filho Pródigo* foram os cenários e figurinos, que estavam a cargo de Tomás Santa Rosa (1909 - 1956). Paschoal Carlos Magno comenta: “*O Filho Pródigo* apresenta cenários lindíssimos de Santa Rosa, que bem mereceram os aplausos da plateia” (MAGNO, 1947). Através de registros feitos da peça, é possível afirmar que Magno estava certo sobre seu comentário:



Foto 1: Ruth de Souza representando Aíla e Abdias do Nascimento interpretando o Pai Foto 2: Ruth de Souza representando Aíla e Aguinaldo Camargo interpretando Manassés O Filho Pródigo de Lúcio Cardoso (1947) - Rio de Janeiro  
Fonte: Ipeafro

Apesar das imagens não revelarem o palco em sua extensão completa, podemos perceber pelas imagens o tom místico daquela casa, atemporal, distante do cotidiano, o que é um aspecto da dramaturgia bem inserido na cena. Podemos ver ao fundo as paredes da casa, que parece um mausoléu, ou um castelo. Em boa combinação com os figurinos e a maquiagem o efeito de cena deve ter sido impactante, colocando o público numa esfera de imaterialidade.

O crítico Roberto Brandão lamentou a direção de Abdias do Nascimento, e enalteceu atuação de Ruth de Souza e Aguinaldo Camargo. Entretanto, mesmo elogiando essas atuações, o crítico não creditou ao Teatro Experimental do Negro o trabalho de preparação dos atores, chamando-os de “talentos naturais”:

Pena que a direção estivesse quase ausente do espetáculo, resultando naquela representação cheia de altos e baixos e de zonas frouxas. Sobretudo, sem nenhuma harmonia. Refletindo-se ainda na interpretação individual de papéis. Esta teve dois pontos altos no Sr. Aguinaldo Camargo e na Sra. Ruth de Souza [...]. Ambos, contudo, são puros talentos naturais, quase em estado de natureza, suprida a falta de uma escola dramática e até, no caso, de um diretor, não apenas por esta intuição que o talento lhes fornece e os faz adivinharem e distinguirem o certo, mas também por obra de se darem a estudos e observações de autodidatas. [...] é mesmo assim, de

longe, a melhor que se estreou este ano em palco nacional.  
(BRANDÃO, 1947, p.2)

O crítico acerta quando analisa a falta de experiência dos atores. Sabe-se que Abdias do Nascimento convidava pessoas negras para participar do TEN, sendo que elas integravam o grupo sem qualquer experiência anterior em teatro. Pelo contrário, muitas foram alfabetizadas junto ao grupo. Os atores trabalhavam durante o dia, eram empregados domésticos, ou desempenhavam outras funções de serviço, e ensaiavam à noite. Mesmo que Ruth de Souza e Aguinaldo Camargo tivessem mesmo mais aptidão para a cena (no caso de Ruth de Souza a dedicação fez com que se tornasse uma das grandes atrizes brasileiras do século XX), as dificuldades para o estudo estavam presentes junto a todos os integrantes do TEN. Cabe destacar que apesar das críticas a citação se finaliza com a ponderação de que aquele fora o melhor espetáculo do ano. Além de seus resultados estéticos, o papel social do TEN de mostrar à sociedade e às pessoas negras suas possibilidades de acesso à arte e a outros tipos de trabalho foi de grande importância.

Todos os personagens, com exceção do Pai, tinham um desejo intenso de ser brancos, fazendo parecer, como Mendes (1993) afirmou, que a peça tinha o objetivo de motivar o embranquecimento e de ressaltar a raiva que o negro teria por ter sua cor:

O TEN lutou realmente com um grande obstáculo logo de início: *O Filho Pródigo* não tem nada a ver com o conceito de negritude pensado por Abdias do Nascimento. No fundo, o autor Lúcio Cardoso, dentro de uma história que em nada favorece o homem de cor, fazia apologia do embranquecimento, já que não é negro (mas provavelmente não só por isso). Fora estreitamente ligado a Os Comediantes, grupo que se notabilizou pela qualidade estética de seu trabalho, nele excluía qualquer coisa que se aproximasse do negro ou de seus problemas. (MENDES, 1993, p 149).

*O Filho Pródigo* de fato pode transmitir essa leitura, porém, analisando a trajetória de Assur, personagem principal da peça, é constatado que ele quis voltar para suas origens. Assur fugiu com a Peregrina branca que apareceu na casa, a mesma que também presenteou Aíla com o punhal e causou discórdia na família.

A relação interracial será mote de outras peças do TEN no futuro, como *Sortilégio*, de Abdias do Nascimento, e *Além do rio*, de Agostinho Olavo. Assim como o tema da pessoa negra que, após se envolver numa espiral de negação de suas raízes, termina por voltar para sua cultura ao final, não só aceitando a cor de sua pele, mas valorizando sua ancestralidade.

Após um tempo, Assur retorna novamente à fazenda do pai, dessa vez rendido, pobre e arrependido. A redenção é mostrada a partir de mudanças na personalidade de Assur: ele agora parece entender que foi necessário sair e conhecer o estranho para perceber que pertencia àquele lugar.

Pai - Eles dirão: como pode ser este mar como uma grande rosa aberta?

Assur - E eu direi que ela é verde e contém todos os perfumes que matam. Mas que a noite também é como uma rosa, uma quente rosa que nos fita com seus olhos de sombra. Então, eles olharão para o alto, e de joelhos saudarão a rosa negra que é nossa eterna companheira. (NASCIMENTO, 1961, p. 72).

Esse trecho consiste na última fala da peça. Segundo Paschoal Carlos Magno (1947), o espetáculo, que durava aproximadamente três horas e meia, teria sido longo demais, literal e com pouca ação cênica. Talvez por causa dessa lentidão as críticas não tenham notado a força de um final no qual o personagem assume suas raízes após passar por muito sofrimento. Assim assume que a rosa negra, que representa sua origem negra, é sua eterna companheira. O mar representa o desconhecido, que, no caso deles, seria a quebra com seu povo e sua origem. Assim, apesar de alguns personagens de fato sentirem repúdio por sua cor de pele e origem, o final mostra a transformação do protagonista, que assume com orgulho suas raízes negras.

Outra grande potência de *O Filho Pródigo* consiste na quebra de paradigmas que a peça trouxe ao retratar a vilã da história na única personagem branca da peça. Desde o início, a Peregrina aparece e descreve o que deseja: “Peregrina - Não é de frutas que eu tenho fome: Quero carne, tenra e cheirosa, com um pouco de sangue fumegante e ácido” (CARDOSO apud NASCIMENTO, 1961, p.49). Neste caso ela está se referindo à comida com a qual deseja se alimentar, mas o dramaturgo Lúcio Cardoso utiliza metáforas pela peça inteira, então é possível concluir que desde o início seu objetivo estava claro, seu desejo era a acabar com a carne daquela família.

*O Filho Pródigo* chamou atenção dos críticos do momento, porém em alguns casos é visível a falta de compreensão da intenção do grupo de teatro negro. Décio de Almeida Prado (1917-2000), um dos mais importantes críticos do teatro brasileiro, chegou a aconselhar o Teatro Experimental do Negro a esquecer a negritude para a concepção de suas peças:

Qual a verdadeira condição dos negros entre nós? Infelizmente em sua maioria são ainda uns pobres coitados, sem dinheiro, sem saúde, sem cultura, sem arte, sem nada. Como fazer então para aproveitá-los literalmente? Nada mais simples: basta dar propositada e desdenhosamente as costas a toda e qualquer realidade humana e psicológica. Por essa regra simples de fazer literatura toda peça negra deve ser de referência poética, e se possível bíblica. Não há mais operários Édipos ou Rei Lear em perspectiva. Nenhum problema econômico ou social os aflige: unicamente angústia de ser ou a perplexidade filosófica perante a fragilidade da condição humana. (PRADO apud NASCIMENTO, 1966, p. 119)

*O Filho Pródigo*, apesar de ir por esta vertente, ou seja, se tratando de uma peça poética e com inspiração em uma parábola bíblica, não deixou de lado as questões raciais, pelo contrário, escolheu abordar o tema como foco da peça, descartando, assim, o que seria, para Décio de Almeida Prado, o cenário ideal: “esquecer” as questões raciais e focar em uma encenação teatral.

*O Filho Pródigo* foi uma peça que contribuiu em várias vertentes com o teatro brasileiro. Primeiramente por ser a primeira dramaturgia do teatro moderno brasileiro feita especialmente para um grupo de atores negros, pensando a complexidade do negro brasileiro e o racismo. Após esta peça, Abdias do Nascimento incentivou outros dramaturgos a escrever para o grupo de atores negros, formando assim uma antologia de peças ligadas ao TEN chamada *Dramas para Negros e Prólogo para Brancos*, organizada pelo próprio Abdias do Nascimento, publicada em 1961.

Além do estímulo a uma nova dramaturgia, *O Filho Pródigo* trouxe os olhares de vários críticos brasileiros e até internacionais para o trabalho do grupo de atores negros, dando visibilidade ao trabalho de Abdias do Nascimento, que visava propiciar espaço para representatividade negra nos palcos brasileiros.

Portanto *O Filho Pródigo*, apesar de ter sido muito criticada por sua literalidade, teve grande importância para a construção de um teatro brasileiro que expunha questões raciais, incentivava, capacitava artistas negros.

A questão do racismo no teatro brasileiro foi por muito tempo ignorada. Antes do Teatro Experimental do Negro nenhum grupo tinha buscado realizar teatro moderno lidando com as questões da negritude brasileira. *O Filho Pródigo* inovou ao trazer um elenco majoritariamente negro, no qual as personagens são indivíduos complexos, lidando com problemas internos como o lugar que estão inseridos no mundo e com problemas de relação familiar e amorosa que, antes, eram temáticas que apareciam apenas em peças com personagens brancas.

Alguns críticos não entenderam as metáforas que Lúcio Cardoso tentou passar através da peça *O Filho Pródigo*, talvez por conta da literalidade do texto, que foi questionada muitas vezes, ou pela longa duração do espetáculo, ou pela indisponibilidade dos críticos a um diálogo sobre as questões do negro brasileiro. O racismo no Brasil é por vezes velado e institucionalizado, fazendo com que parte da crítica não acreditasse na importância do texto para o Brasil. Entretanto, também houve críticas exaltando o trabalho do TEN, fazendo com que as pessoas aumentassem a sua percepção e conscientização sobre o racismo no Brasil.

*O Filho Pródigo* foi de suma importância para o teatro brasileiro, dando mais visibilidade para o Teatro Experimental do Negro, além de ter sido precursor ao abrir caminho para novos dramaturgos e artistas negros brasileiros.

## **Bibliografia**

BRANDÃO, Roberto. “O Filho Pródigo” a maior peça de 1947. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 7 de dezembro, 1947. p. 2

GRAMCKO, Ida. Como a venezuelana Ida Gramcko escreve sobre o “Teatro Experimental do Negro”. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 de janeiro, 1948. p.11

MAGNO, Paschoal Carlos. “O Filho Pródigo”, pelo “Teatro Experimental do Negro”, no Ginástico. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 de dezembro, 1947. Teatro. p. 15

MENDES, Miriam. **O Negro e o Teatro Brasileiro**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

NASCIMENTO, Abdias. **Dramas para negros e prólogo para brancos**: Antologia de teatro negro-brasileiro. TEN. ed. Rio de Janeiro: 1961.

\_\_\_\_\_. **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

\_\_\_\_\_. A próxima temporada do “Teatro Experimental do Negro” seu diretor, Abdias Nascimento, fala-nos do seu elenco e da peça de estreia. - “O Filho Pródigo”, de Lúcio Cardoso - José Monteiro - Revelação da temporada. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 23 novembro, 1947. Teatro. p. 27

PRADO, Décio. O Filho Pródigo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 14 de maio de 1953.

RODRIGUES, Nelson. Galeria. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 20 de dezembro, 1947. Teatro. p. 11